

A arte da inauguração

do monumento a D. Pedro IV

RAFAEL SANTOS SILVA

Abstract – *The inauguration of the monument of D. Pedro IV in Oporto has originated a ceremonial schedule introduced in town, where some ephemeral structures have been placed. The procession, started in Praça da Ribeira, have an union in Praça D. Pedro congregating square, monument, architecture and ephemeral art. With several other contributions, this innauguration brought, along the following days, a celebration in an extended coexistence involving town and ephemrous art.*

O presente ensaio consiste numa abordagem inicial ao estudo da inauguração do monumento a D. Pedro IV, na praça D. Pedro, a 19 de Outubro de 1866. Num acontecimento mais político que artístico, a cerimónia constituiu uma oportunidade que o liberalismo soube bem aproveitar para exaltação dos valores propagandeados, ampliando assim a didáctica liberal do monumento, o segundo equestre no país. Com base num manuscrito¹ de Henrique Duarte e Sousa Reis, relativo ao monumento a D. Pedro IV, na Biblioteca Pública Municipal do Porto, e em documentos encontrados no Arquivo Histórico Municipal da cidade, será possível trazer á luz do dia uma das mais importantes festividades do Porto dentro do panorama cerimonial do séc. XIX.

O programa da inauguração, divulgado pela imprensa, descrevia um acontecimento que, na verdade, aspirava propalar o fenómeno cerimonial muito para além da Praça D. Pedro, uma vez que a recepção real havia sido iniciada na Praça da Ribeira, onde fora propositadamente construído um Pavilhão real. Após a entrega das chaves da cidade a suas majestades o rei D. Luís e D. Fernando, deu-se início a um cortejo real que percorreria o trajecto, entretanto com fachadas

¹ B.P.M.P., Reservados, Documentos oficiais do coração e estátua de D. Pedro IV.

ornadas pelos moradores, que seguia a ruas de S. João, largo de São Domingos, Flores e largo da Feira e sobre o qual não achamos informações acrescidas. Esta dimensão urbana da cerimónia faria sentir-se, embora bem diferente, nas ruas de Santo António e dos Clérigos, eixos de marcada relevância urbana, nos quais os moradores haviam estabelecido ‘comissões de festejos’², também existente na praça D. Pedro, tendo os desta praça correspondido ao edital da Câmara que dava instruções para que adornassem ‘convenientemente n’aquelle dia as janelas voltadas para a mesma’³. Montara-se assim uma convergência para a Praça D. Pedro, onde uma orquestração cénica, coreografada por militares, fora composta para a celebração. Fiquemos com parte do programa difundido na época, importante texto que nos introduz na narrativa da inauguração.

«O dia da inauguração será anunciado, ao romper da aurora, por uma salva real, girandolas de foguetes e repiques de sino.

A Estatua estará coberta com um espesso véo, e a praça de D. Pedro, e os Paços do Concelho estarão convenientemente decorados, e todos os moradores que circumdam a praça serão convidados para adornarem as fachadas dos seus predios.

A tropas da guarnição, em grande uniforme, serão postadas nas ruas em volta da praça.

Tem de ser convidados para assistirem a esta solemnidade os ministros de estado e conselheiros de estado effectivos, os presidentes e secretarios de ambas as camaras legislativas e os demais membros do parlamento que se acharem n’esta cidade, as autoridades ecclesiasticas, civis, judicias e militares do Porto, corpo consular, os corpos docentes, os representantes das associações, e os da imprensa periódica d’esta cidade, e as pessoas que subscreveram para o monumento e suas familias.

A Camara Municipal nomeará uma comissão encarregada de receber os convidados dentro da praça, e promover a boa ordem para a execução do programma.

Á hora marcada para a cerimonia a Camara Municipal, reunida com a comissão auxiliadora, esperará Sua Majestade El-Rei á entrada da praça e o acompanhará ao pavilhão, que para esse fim se achará armado. O presidente da Camara, dirigindo-se a Sua Majestade, recitará uma alocação, finda a qual e ouvida a resposta de Sua Majestade encaminhar-se-ha com as pessoas do seu sequito, a Camara, e a comissão auxiliadora ao pedestal do Monumento, e cahindo o véo, apparecerá a Estatua equestre do Senhor D. Pedro IV.

Girandolas de foguetes, que serão correspondidas por uma salva real, annunciarão o desencerramento da Estatua.

Terminadas as saudações, o presidente da Camara levantará os vivas a Sua Majestade El-Rei, á família real, à Carta Constitucional e á cidade do Porto.

Findas estas demonstrações de jubilo, tendo Sua Majestade voltado ao pavilhão, o presidente da Camara offerecerá a Sua Majestade um exemplar em ouro da medalha da inauguração.

Estando Sua Majestade na sala das sessões dignar-se-ha apparecer á sacada do meio para receber as saudações do povo, e a tropa desfilará em continencia, seguindo pela rua do Almada para o largo da Lapa, onde se postará uma guarda de honra.

Finda a continencia e tendo Sua Majestade tomado lugar no throno, ler-se-ha o auto da inauguração, que Sua Majestade se dignará assignar com as pessoas de sua comitiva, autoridades superiores, Camara Municipal, comissão auxiliadora, e todos as circumstantes, ficando depois patente n’esse dia e nos seguintes para ser assignado por quem o quizer fazer.

² Idem, ibidem, fl. 295 e 296.

³ Idem, ibidem, fl. 182.

O prestito marchará para a Lapa, indo os personagens nas suas carruagens sem precedencias.

Sua Majestade será recebido pela Camara Municipal no vestibulo da real capella de Nossa Senhora da Lapa, debaixo do patio e á entrada do templo pelos ecclesiasticos na forma do estylo, entoando-se o Te-Deum Laudamus.

Concluida a festividade religiosa o prestito acompanhará Sua Majestade ao paço real.

Á noite, a fachada dos Paços do Concelho será illuminada e os habitantes do Porto serão convidados para illuminarem as frentes das casas. As musicas tocarão até á meia noite na praça.

A Camara Municipal pedirá ao governo, que o dia da inauguração da Estatua seja declarado de grande gala, suspendendo-se o serviço nas repartições publicas dentro da cidade.

Além disto, a exc.ma Camara determinou, que uma illuminação a gaz, de mais lumes, e mais vistosa do que as que alli tem tido até agora, se fizesse para a fachada do seu edificio, a fim de abrilhantar a noite do dia da inauguração.»

Na Praça D. Pedro, *‘parte principal e mais competente para tais demonstrações de regozijo publico, auctorizada como está por ser central na cidade e ter na sua frente a Casa Municipal’*⁴, quanto à disposição delineada para a cerimónia de inauguração, a estátua assume papel central, sendo em torno dela alicerçada toda a estrutura cerimonial. Ali, ela é envolvida por galeria de circulação que a liga a norte, aos Paços do Concelho, e a sul ao Pavilhão Real da autoria de José Luís Nogueira, *‘1º architecto e Mestre de Obras Públicas desta cidade’*⁵, numa execução contratada a Hercules Lambertini⁶, pintor e cenógrafo de origem italiana. Esta galeria, para circulação real e da comitiva municipal, encontrava-se ladeada por grades e pontuada por pedestais que suportavam vasos de flores, sendo coberta por tapetamentos tal como os interiores do Pavilhão Real e da Câmara Municipal, como que se dando um enlace entre monumento a inaugurar, praça, Pavilhão real e Camara Municipal que, segundo Sousa Reis, encontrava-se convertida em *‘Palácio Real’*⁷. Tal cerimónia desenrola-se assim num espaço físico escrupulosamente elaborado, cuidados que também se fizeram sentir nas diversas disposições tomadas pelos intervenientes na inauguração, numa simbiose que Sousa Reis soube descrever.

«A cerimonia da inauguração celebrada no dia 19 d’Outubro principiou, hindo a Camara, levando em sua companhia, os dous deputados de fora, esperar S.S.M.M. á entrada do lado do Norte da Praça de D. Pedro em frente dos Paços do Concelho, dispondo se em duas aulas.

Vierão os dous Reis em coche descoberto, precedido d’hum esquadrão de cavalaria da Guarda Municipal, ao qual seguirão os carros que conduzirão os Ministros d’Estado, camaristas e ajudantes de campo dos Monarchas, sendo logo que erão conduzido no Coche Real os reais principes D. Luiz e D. Fernando que consigo trazião dous dos seus ministros, fechava a retaguarda outro esquadrão de cavalaria de linha.

⁴ Idem, ibidem, fl. 145.

⁵ A.H.M.P., Livro do Cofre 407, fl. 320.

⁶ A.H.M.P., Documentos de despesa da conta do Monumento do Senhor D. Pedro IV, fl. 171. Sobre Hercules Lambertini ver: PAMPLONA, Fernando de – Dicionário de pintores e esculptores portugueses, vol. III. Barcelos: Civilização, 1988. p.177.

⁷ B.P.M.P., Reservados, Documentos officiais do coração e estátua de D. Pedro IV, fl. 146v.

Apeando-se S.S.M.M. forão recebidos e cortejados pela municipalidade com aquelle respeito que he devido a tão altas personagens, e atenções que esta respeitável corporação sabe praticar para com quem tem a ellas direito: a traz caminhava o cortejo.

Assim disposto tudo dirigio se o prestito ao monumento que rodeou pela parte do poente para novamente tomar o meio da mesma Praça, ficando a Camara parada junto ao primeiro degrao do Pavilhão, a fim de S.S.M.M. e sequito subirem primeiro e passarem entre as alas formadas pela municipalidade.

Os principais collocarão-se em pé na frente de duas cadeiras: El Rei D. Luiz à direita de seu pai estava coberto, e El Rei D. Fernando descoberto, como para indicar ser a principal personagem Seu Augusto Filho; formadas as alas pelos vereadores, pois os cortejões fazião como as costas do cortejo, o Exmo. Visconde de Lagoaça, na qualidade de Presidente da Camara do Porto leva a sua alocução que faz o doc. nº 162, á qual respondeo D. Luiz lendo a resposta doc. nº 163.

Immediatamente descerão S.S.M.M., a Camara e o cortejo, do Pavilhão até à face frontal do monumento, a ahí El Rei D. Luiz I puchou pelo cordão para desencerrar a estatua equestre, cujo veu cahio entre vivas entusiasticos do povo que saudou ao mesmo tempo o soberano inaugurador e a memoria do soberano esse efigie inaugurado.

Subindo todos outra vez ao estrado do Pavilhão, seguio-se a entrega das medallhas commemorativas desta função.»

A localização dada ao Pavilhão a que Sousa Reis se refere, encerrando a sul o plano da praça de que se afastava ligeiramente, contrapõe-se à da Câmara Municipal que a norte cumpria funções idênticas, vendo-se a praça compreendida entre as architecturas onde se desenrolaria a cerimónia de inauguração, delimitada por mastros ostentando bandeiras ao longo de todo o seu contorno.

Rivalizando com o monumento no protagonismo conferido ao acto, encontrava-se o Pavilhão real, com planta da autoria de José Luiz Nogueira e concretização a cargo de Hercules Lambertini, conforme atrás referido, surgindo Manuel José do Prado como mestre carpinteiro⁸, o que permite aferir do modo sistematizado como se processára a concepção e construção do mesmo, da ciência do architecto á habilidade do carpinteiro. Cúmplices na linguagem formal de então, Pavilhão e pedestal do monumento – referências encontradas responsabilizam outro architecto da cidade, Joaquim da Costa Lima Júnior, nesta componente da obra de Calmels⁹ – estabeleciam diálogo estético em que a orientação da estátua e sua verticalidade é contraposta a orientação oposta e horizontalidade do Pavilhão. Na forma, este Pavilhão real diferencia-se pela função preconizada: destacar o acolhimento real ali destinado e constituir apoio diversificado à inauguração, a par de assumir-se enquanto cenário de fundo ao acto cerimonial.

Na sua configuração destaca-se o corpo central de planta octogonal (assim aparece fotografado¹⁰, contrapondo-se ao desenho de Sousa Reis que o representa circular), diferenciando-se pelo vazio apresentado e sendo rematado supe-

⁸ "obrigado a doar todas as madeiras e a fazer toda a obra de carpintaria" Idem, ibidem, fl. 139.

⁹ A.H.M.P., Documentos respeitantes ao monumento de D. Pedro IV, 28.

¹⁰ Arquivo Mário M. Marques, fotografia estereoscópica, autor desconhecido. DIAS, Marina T. e MARQUES, Mário M. – Porto Desaparecido, Lisboa, Quimera, 2002. p.112.

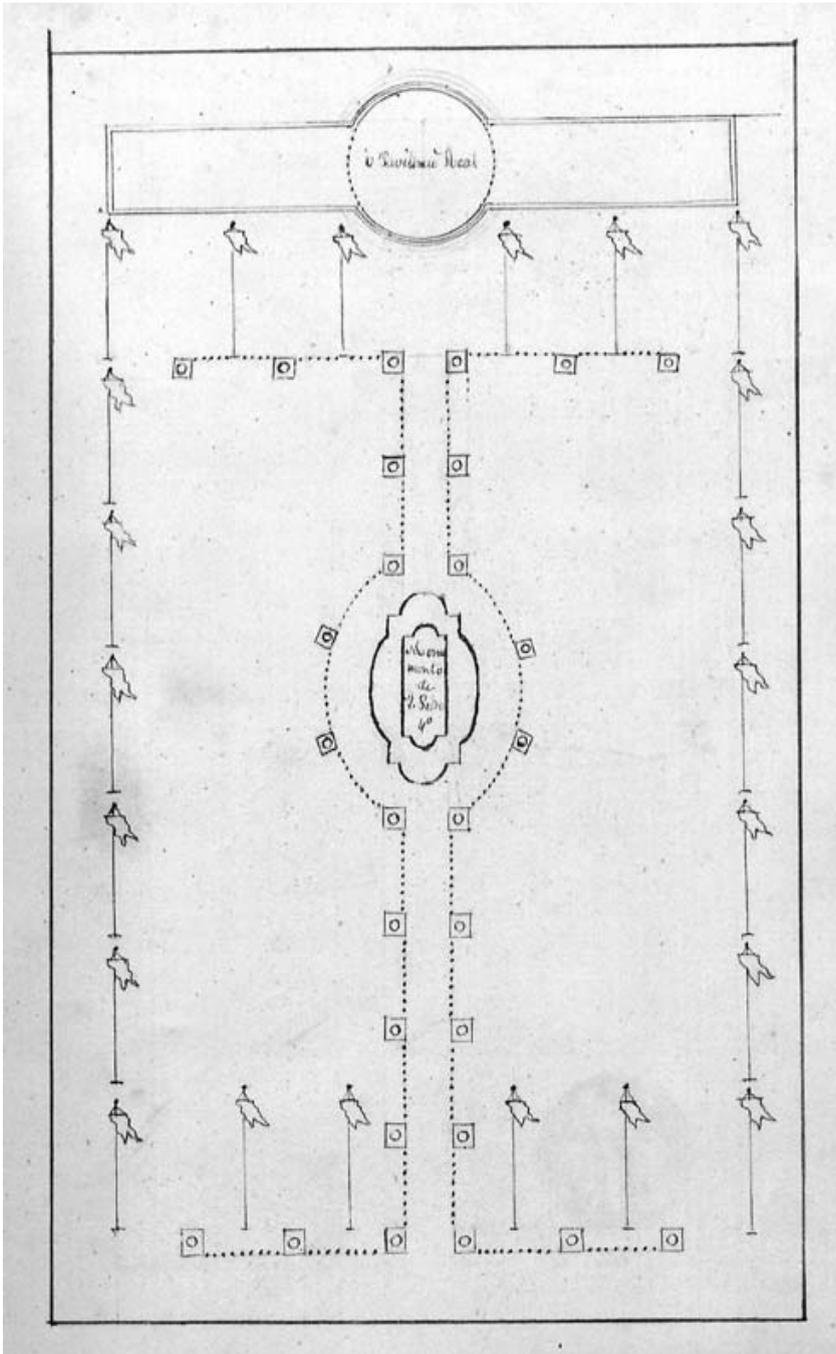


Fig.1 – Planta com a disposição ornamental e Pavilhão real na praça D. Pedro na cerimónia de inauguração do monumento a D. Pedro IV. B.P.M.P., Reservados, Ms. 1285, fl. 371.

riormente por cúpula de gomos. Esta, que a par do tecto da obra só seria concluída por ocasião dos aniversários reais, seria coroada por bandeira sobre troféu composto por escudo e quatro bandeiras colhidas de lanças e encimado por coroa real, ficando assim definido o remate da construção onde a vertente ornamental havia sido grande¹¹. Neste mesmo espaço central, a cornija, contínua em todo o pavilhão como mostra o desenho de Sousa Reis, encontrava-se suportada por colunas, aparecendo aqui a suspender galhardetes, presentes também na retaguarda, de cores variadas. Tal como no restante da construção, a cornija suportava aqui troféus compostos por escudo ladeado por bandeiras também de lanças. Com esta mesma cornija (onde se inseria a canalização da iluminação) a par da linha definida por impostas e lambris nas arcadas flanqueando o espaço central do pavilhão, assim como pelos degraus que elevavam a construção do solo, prevalecia uma ideia de horizontalidade que percorria então o Pavilhão. Nela, destacava-se o corpo central onde se encontravam duas cadeiras, donde se destacava a ocupada pelo rei D. Luís pelo tratamento que lhe fora dado. A variação volumétrica sobre este vazio ocasionada pela cúpula, bem como o seu sobressair do plano definido pelas arcadas que a ladeavam, ocasionava o sobressair desta forma no conjunto construído. Constituindo a ordem que compunha o Pavilhão restante, as arcadas laterais possuíam três arcos de volta inteira na frente e um nas laterais, dispoendo de elegante ritmo onde predominavam vazios caracterizando a construção com elegância e conferindo permeabilidade física, numa resolução formal que trazia elementos arquitectónicos então ainda inéditos para a praça – a cúpula e a arcada.

Sousa Reis integrou no manuscrito indicado o termo assinado por Hercules Lambertini, em que este se compromete a materializar a obra do Pavilhão e galerias, no qual é possível aceder a importantes informações para a caracterização da sua arquitectura, aqui apresentado na sua maior parte.

«No primeiro d'Outubro de mil oito centos sessenta e seis, nesta cidade do Porto e Secretaria da Municipalidade estabelecida nos Paços do Concelho, ahí compareceu Hercules Lambertini, pintor morador na rua do Bonjardim e disse que estava justo o contracto com a Excelentissima Camara Municipal a fazer todos os trabalhos que dizem respeito ao Pavilhão Real e galerias que devem construir se na Praça D. Pedro por occasião da inauguração da estatua equestre do senhor D. Pedro IV, pela quantia d'hum conto de reis debaixo das seguintes condições, que forão presentes neste acto.

1º O declarante obriga se a comprar e collocar à sua custa toda a linhagem ou tella nas grades de madeira, que lhe forem dadas.

2º A pintar tudo quanto disser respeito ao dito Pavilhão e mais accessorios, segundo o risco que lhe foi apresentado e aprovado pela excelentissima Camara.

3º A mandar fazer e colocar à sua custa todas as bandeiras e galhardetes que sejam necessarios para o melhor effeito do Pavilhão, Galerias e Praça sendo tanto humas como outras, nas boas e devidas proporções e qualidade.

¹¹ "16 mastros para bandeiras, 45 escudos tudo no pavilhão" (AHMP, Documentos de despesa da conta do Monumento do Senhor D. Pedro IV, fl.223).

4º A pintar e dourar os escudos precisos para os trofeos com disticos das epochas mais notaveis do Heroe da festa.

5º A Colocar contra tecto no Pavilhão Real, feito de tecido de lã das cores da Bandeira Portugueza, e com bordas douradas, assim como deverão ser douradas as lanças para as bandeiras, e as pinhas e cordões dos galhardetes.

7º A dirigir em tudo a obra de carpinteiro, indicando ao mestre encarregado da mesma o modo de a fazer, sem com tudo alterar em nada o risco apresentado e aprovado, salvo se oferecer ocasião de melhorar o efeito, mas isto sempre com a anuência e de combinação de melhorar digo com a Junta das Obras da Excelentissima Camara.

8º O mestre carpinteiro fica com obrigação de fornecer ao declarante os andaimes precisos para o levantamento da obra, paos e bandeiras, mastros para galhardetes, e em fim tudo que forem objectos de madeira inclusive moitões.»

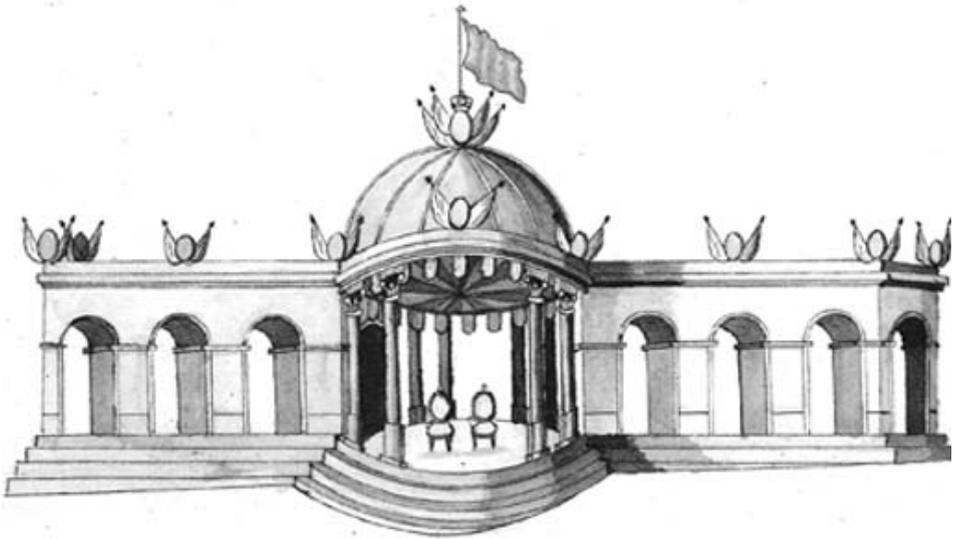


Fig. 2 – Vista de frente do Pavilhão real construído para a cerimónia de inauguração do monumento a D. Pedro IV.

B.P.M.P., Reservados, Ms. 1285, fl. 370.

Paralelamente a este documento, encontram-se registadas diversas referências de materiais que foram utilizados na cerimónia da inauguração. Apesar de não estar minuciosamente descrita quanto à localização específica das componentes identificadas, a inventariação encontrada¹² mostra-se essencial quando constitui objectivo caracterizar a arte com que a cerimonia se concretizou.

¹² Idem, ibidem, fls. 168, 179, 183, 189, 190, 191, 203, 207, 215, 223.

A.H.M.P., Guia das entradas no cofre da conta do monumento do senhor D. Pedro IV, fls. 26,27, 28, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 39.

materiais	localização	montante
4 peças de tapete carapinha		196 552 reis
Trabalho de encher os vasos de flores, tres homens dois dias e meio	Praça de D. Pedro	4 500 reis
Pintura que fez em 108 lances de grades de ferro	Praça de D. Pedro	64 110 reis
1 peça de lã azul para as bandeiras		320 reis
1/2 sarjelim azul	Praça de D. Pedro	330 reis
4 estandartes		80 reis
30 bandeiras		3 000 reis
Feitios dos tapetes - salão, throno e escadas	Paços do Concelho	25 500 reis
Feitios dos tapetes - pavilhão	Praça D. Pedro	14 000 reis
3 pessoas a encher jarrões de flores, dois dias		1 800 reis
535,22 metros de tapetes varios	Escadas, Sala e Sala de espera dos Paços do Concelho	130 500 reis 305 060 reis 44 200 reis
368,8 metros de tapete carapinha		443 820 reis
21,70 do tal aveludado		48 825 reis
Véo	Estátua	27 000 reis
277,80 metros de baeta verde sarjelins verdes		260 420 reis 24 000 reis
3 dúzias de veludo		7 500 reis
baeta verde	Escadas dos Paços do Concelho	90 000 reis
18,31 metros de tapete a 1600 reis o metro	Throno	29 920 reis
72,66 metros de damasco	Pavilhão da Ribeira	119 890 reis
29 mastros de pinho da flandres	Praça de D. Pedro	44 950 reis
3 pranchões de Flandres de 23 palmos 1 dito afiado de igual número de palmos 32 tabuas de pinho da terra de 21 palmos		11 700 reis
11 pranchões de pinho da Flandres, sendo um afiado e mais seis cruzetas do mesmo pinho	Praça de D. Pedro	16 500 reis
30 pedestais de madeira a 500 reis cada	Praça de D. Pedro	15 000 reis
Iluminação com 12 globos quadrados	Paços do Concelho	9 600 reis
1 mastro de pinho da Flandres	Praça de D. Pedro	1 550 reis
30 mastros de flandres para galhardetes	Praça de D. Pedro	43 200 reis

Seguindo o previamente assente no programa, a solenidade prosseguiu para a segunda parte, passada já na Câmara Municipal que, embora sem populares, não deixou de receber o cortejo engalanada, como a praça antes o fizera. O interior, adornado, seguidamente descrito pelo texto de Sousa Reis, teria no trono e no auto da inauguração os centros das atenções no que respeita ao espaço e ao momento, este último prolongado pelos dias seguintes para as assinaturas dos que ali desejassem registar o seu nome. Completava-se aqui, e numa primeira fase, a componente espacial ligada à praça no que concerne á inauguração, uma vez mais alvo do olhar atento que Sousa Reis soube mostrar.

«Não deixarão de estar igualmente aceiados os Paços do Concelho e na verdade nunca elles estiverão com tal propriedade, ainda comparando os ornatos que se lhe pozerão no anno de 1834 quando o Porto offereceu hum baile e lanche a S.S.M.M.R. e I. a rainha D. Maria II, o imperador D. Pedro e a Imperatriz D. Amelia sua esposa.

He certo, que estas festas erão diferentes, e ambas requerião as suas respectivas e particulares disposições, porem fazendo se o paralelo entre ambas, a ultima superou a primeira, como disse na propriedade e ordem.

Todas as sallas dos Paços e suas escadarias forão tapetadas, sendo os padroens diversos: nas quatro portas do primeiro patamar da escadaria principal poserão reposteiros de damasco encarnado, e nas outras cinco, isto he, do portico de entrada e das suas portas laterais no segundo patamar, na porta da Secretaria do sallão collocarão o reposteiro de caxemira ou pannos de côr, os quais pertencião ao edificio da Bolsa do Commercio, cuja direcção deste estabelecimento se dignou emprestar-los, e finalmente na porta da salla das vereações via-se o proprio reposteiro que tem o escudo das armas municipais.

Duas estatuas de ferro bronzado se assentarão no primeiro patamar da escadaria, que nos cantos tinha jarroens de louça da India com flores, e no nicho central que na mesma escadaria meteu-se outra estatua mais pequena também de ferro fundido e bronzado.

A salla das vereações estava ornada com a precisa propriedade: sobre o supedaneo ou taburno e no lugar inferior armou-se o Throno Real, estando as portas fingidas dessa salla e as janellas com cortinas de damasco de seda vermelha, com a diferença de que as ditas cortinas das portas ficarão descidas e as das janellas apanhadas como convinha; nenhum assento ou cadeira occupava a salla e apenas sobre o estrado do throno ficarão as duas destinadas para El Rei D. Luiz e D. Fernando, e ao lado direito do mesmo estrado pôs-se hum mesa redonda coberta de velludo vermelho, cujo panno quadrado tinha franja d'ouro: sobre ella pouzava hum tinteiro de prata com a penna de ouro para uso dos dous Monarchas quando assignassem o auto da inauguração.

A guarnição do sallão e salla d'espera era feita com cadeiras sem hum unica mesa, por ser isso de etiqueta, collocando se no sallão as cadeiras da Vereação distribuídas em iguais distancias vendo se os entrevallos preenchidos por cadeiras de palhinha, as mesmas da sua guarnição, e na salla d'espera assentarão se as cadeiras cobertas de velludo carmezim: todo este apparatus com os paineis a oleo que a municipalidade possui davão o aspecto de majestoso a esta casa, que neste momento se inverteo em Palacio Real.

E para nada faltar que recordasse a pessoa de D. Pedro IV, cuja estátua se achava coberta por hum véo de lansinha azul e branca, pendendo d'elle hum cordão com a competente borla, colocou-se em frente do monumento hum bufete vestido de velludo carmezim, sobre o qual estavão dous tableiros de prata que continhão, hum a farda de coronel de caçadores nº 5, hum collete de panno encarnado e o boné que o Duque de Bragança uzara no cerco heroico do Porto nos annos de 1832 e 1833; no outro tableiro via-se o chapeo armado, o oculo de campanha, o talim com a sua

bolça d'ordens, a canana e a espada do libertador propriedade deste Município, objectos estes a que os portuenses todos ainda respeitão por terem sido do general em chefe dos bravos defensores da Carta Constitucional da Monarchia, e da Rainha a Senhora D. Maria II; são estes objectos superiormente estimados, e forão doados a alguns dos estabelecimentos do Porto, por que recordão o seu amigo, o seu Protector e Defensor.»

«Em seguida dirigirão se S.S.M.M., a Camara e o Cortejo Real para a igreja de Nossa Senhora da Lapa na qual se celebrou o solenne Te Deum Laudamus, como se havia annuciado; neste acto religioso guardarão se as devidas formalidades e finalizando cumprio se a restante parte / a terceira / do programma publicado.»

A chegada à igreja da Lapa havia-se dado perante a presença de uma guarda de honra que momentos antes havia prestado continência, na Praça D. Pedro, enquanto sua majestade era aclamada da sacada da Câmara Municipal. Após a celebração litúrgica, cerimonial religioso presidido pelo bispo da cidade, a festividade retorna à praça D. Pedro, onde o monumento impunha já o papel solicitado.

No remanescente cerimonial, assiste-se durante a noite à iluminação da Câmara Municipal, iluminação essa que 'houve por toda a cidade, assim como tinha havido na noite do dia 18 por ser o da entrada de tão altas personagens a augustos hospedes'¹³. Em consonância, o Pavilhão Real fora iluminado por dezasseis lustres¹⁴, também a gás e cuja intensidade era auxiliada não apenas pela iluminação pública mas também mediante a criada, a convite da municipalidade, pelos habitantes nas fachadas da praça. Esta intensa presença de luzes havia transportado a Praça D. Pedro para um ambiente radiosamente único, ao qual a existência de bandas de música ali presentes havia contribuído para tornar mais singular. Uma atmosfera ainda exponenciada pela efémera luminosidade do fogo-de-artifício ali lançado, cobrindo toda a cena da inauguração e ocasionando o reluzir do lustroso bronze da recém-inaugurada estátua, naquilo a que Alberto Pimentel anos depois se referiria como 'noite de música e platonismo'¹⁵.

A cerimónia da inauguração do monumento que consagrava D. Pedro IV e a causa liberal¹⁶, e que fazia a transformação da praça, acabou por passar pela incrementação dessa mesma transformação, recheada que esta fora com os aparatos à data construídos, ocasionando festejos de excepção¹⁷ num cenário inédito no espaço físico escolhido¹⁸. Numa efemeridade trespassada no calendário, o Pavilhão real e a sua progressiva conclusão¹⁹ para celebração dos aniversários

¹³ B.P.M.P., Documentos oficiais do coração e estátua de D. Pedro IV, fl. 150 e 150v.

¹⁴ A.H.M.P., Documentos de despesa da conta do monumento do senhor D. Pedro IV, fl. 217.

¹⁵ PIMENTEL, Alberto - A Praça Nova. Porto: Renascença Portuguesa, 1916, p.193.

¹⁶ "mais de trinta annos na esperança de chegar a occasião de se considerarem quites dessa pezadissima divida" (B.P.M.P., Reservados, Documentos oficiais do coração e estátua de D. Pedro IV, fl. 144).

¹⁷ "nenbuns festejos forão superiores aos que os portuenses tem feito por motivos de liberdade constitucional do Paiz" (Idem, ibidem, fl. 144).

¹⁸ "pois be e sera sempre a praça de D. Pedro, a parte principal e mais competente para tais demonstrações de regozijo publico, auctorizada como esta por ser central na cidade" (Idem, ibidem, fl. 145).

¹⁹ A.H.M.P., Vereações 121, fl. 82.

reais, contribuíram para que se desse a emancipação destas últimas comemorações, não assumindo elas iteração perante a inauguração, mas surgindo antes como que de um corolário delas se tratasse.

A par do esquema ornamental, subsistia um outro que correspondia à forma como os intervenientes participavam na cerimónia, componente estudada, a ponto desta por inúmeras vezes seguir os alinhamentos da anterior. São disso exemplo as ainda não enumeradas disposições dos militares na praça, da guarda feita pelos veteranos à estátua e do acesso ao Pavilhão real por D. Luís e D. Fernando, ladeados pela municipalidade. Constituíam casos de relacionamento com praça, monumento e Pavilhão, a que seguir-se-ia com a Câmara Municipal, consistindo em movimentos que acusavam geometria, tanto pela lógica como pela exactidão encontrada nas descrições.

É assim nesta comunhão entre cenário e acções dos intervenientes que se consume o avultado investimento lançado pela cidade, bem empenhada na mobilização popular, buscando o que monumento, praça, arquitectura e estruturas efémeras em consonância poderiam oferecer, encontrando ainda na iluminação e fogo-de-artifício a possibilidade de reforçar a dimensão visual dum ambicioso espectáculo efémero.

